

Bancos salvaram Brasil de recessão, diz Fischer

Scheinkman defende novo e melhor acordo com o FMI

CAMPOS DO JORDÃO, SP – O sistema financeiro brasileiro ainda é “muito pequeno” em relação ao Produto Interno Bruto do país, mas é forte o suficiente para minimizar impactos de crises, avaliou o presidente do Citigroup, Stanley Fischer. Para ele, o sistema financeiro é extremamente importante para o desenvolvimento e o crescimento econômico de um país.

– Essa é uma das razões pelas quais o Brasil conseguiu passar pelas tempestades da última década. Um sistema financeiro fraco deixa os países que precisam de fluxos internacionais mais vulneráveis – afirmou Fischer durante palestra no Congresso Internacional de Derivativos e Mercado Financeiro, promovido pela Bolsa de Mercadorias e Futuros (BM&F).

A boa condução da economia também foi fundamental para o Brasil ter sido um dos países que teve menor recessão diante das crises da última década. Segundo Fischer, a razão foi a “ótima administração da economia, sobretudo da política monetária”.

Também no congresso, o economista e vice-presidente do banco de investimentos Goldman Sachs, José Alexandre Scheinkman, considerou que pode ser útil ao Brasil um novo acordo com o Fundo Monetário Internacional. O atual acerto termina no fim do ano.

– Não existe necessidade de



Campos do Jordão (SP) – AE

FISCHER, presidente do Citigroup, elogiou condução da economia

novo acordo, mas o Brasil precisa de dinheiro, e o dinheiro do Fundo é muito mais barato do que o do mercado – disse.

Para Scheinkman, porém, o Brasil só deve assinar novo acordo se as condições forem boas para o país.

– Houve ocasiões em que, se não fizéssemos acordo com o Fundo, haveria uma crise cambial, o que não é o caso agora.

Para o economista, o Brasil está entrando em um “ciclo favorável” e o problema está apenas em mudar seus patamares de crescimento, ou seja, obter taxas mais elevadas.

O ex-presidente do Banco Central Affonso Celso Pastore, por sua vez, considerou que o Brasil ainda não abriu sua economia o suficiente e que precisa fazê-lo de forma rápida e eficiente. Segundo ele, a abertura

comercial brasileira deve ser feita por meio do câmbio flutuante, para que o país tenha ganhos com as transações internacionais. Pastore destacou que as exportações do Brasil representam cerca de 14% do PIB, enquanto no Chile chegam a 34% e na Coréia, a 40%.

A direção do FMI elogiou a redução da taxa básica de juros (Selic) e afirmou que a política monetária do governo brasileiro está bem encaminhada para que as metas do atual acordo sejam cumpridas.

– Creio que a política monetária segue orientada firmemente pelo cumprimento das metas previstas e nós respaldamos as políticas do Banco Central brasileiro – disse o portavoz do FMI, Thomas Dawson.

Com Agência Folha